

O grande teste



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista

A eleição para o governo do país é o momento de crise do regime presidencialista. O sistema coloca nas mãos de uma única pessoa todo o poder do país, res-salvados os pesos e contrapesos que protegem o cidadão e as instituições. É muita pressão sobre uma só pessoa, que é obrigada a viajar de Norte a Sul, Leste a Oeste, no país de dimensões conti-nentais, fazendo promessas e ouvindo queixas. O candidato fala sobre todos os assuntos, debate todas as questões e se envolve em questões pes-soais, paroquiais e transcendentais. É um mas-sacre que, no final, revela um vencedor. Aque-le que resistir por mais tempo a cerveja quente, café frio e maionese vencida.

É uma crise anunciada. Acontece de qua-tro em quatro anos no Brasil, quando, além da eleição, é permitida a recondução do governan-te por uma vez. Na realidade, o candidato faz aquele esforço monumental, gasta rios de di-nheiro, porque pretende comprometer oito anos de sua vida e garantir o futuro de seus amigos mais próximos. É o que ocorre agora com o pre-sidente Lula, veterano de três mandatos presi-denciais. Ele terá mais de 80 anos no momento da eleição, se decidir concorrer ao quarto man-dato, como parece que vai acontecer. O pessoal que cresceu na política ao redor dele não pos-sui alternativas. O PT não se preparou para a eventualidade de ser obrigado a escolher outro

nome. Assim, por razões políticas, partidárias e pessoais, só há a alternativa Lula para o Partido dos Trabalhadores. Sem alternativas, está deci-dido. Ele será candidato apesar da idade e das ideias ainda fixadas no sindicalismo dos anos setenta. Não há escolha.

Lula é um homem de sorte. Surgiu no hori-zonte dele o destemperado Donald Trump, pre-sidente dos Estados Unidos que decidiu ouvir sugestões e conselhos do filho de Jair Bolsona-ro. Recorreu a medidas extremamente violentas contra o Estado brasileiro, puniu ministros do Supremo Tribunal Federal com a cassação de vistos, impôs a draconiana Lei Magnitsky con-tra magistrados, além de sancionar o país com o tarifaço de 50%. Ou seja, por causa de fofocas, intrigas e meias-verdades, o presidente dos Es-tados Unidos fez renascer dentro do Brasil sen-timentos nativistas, a defesa do país e reabilitou o forte sentimento antiamericano. Lula, que es-tava em situação eleitoral difícil, reabilitou-se e voltou a liderar as pesquisas de opinião para Presidência da República.

Os tempos estão tão estranhos que *The Eco-nomist*, revista inglesa de cunho liberal, diz que Brasil e Estados Unidos mudaram de posição. O Brasil seria o líder da defesa da democracia no continente, enquanto os Estados Unidos, de Donald Trump, tornaram-se um país corrup-to que anda pelo lado ruim da força política. O presidente dos Estados Unidos, que reúne a fau-na exótica da extrema-direita, persegue funcio-nários, decidiu demitir uma diretora do Federal Reserve (o Banco Central deles), decisão que vai provocar longa discussão judicial. O Federal Re-serve é autônomo. O presidente vive delimitan-do prazos para que a Rússia faça acordo ou pelo menos um cessar-fogo com a Ucrânia. Todos os prazos são vencidos, e nada acontece. O mesmo

ocorre com Israel, que não para de matar pales-tinos, crianças, mulheres e jornalistas, sem qual-quer razão. Trump faz adversários novos a cada dia dentro e fora de seu país. Não é boa política atacar várias frentes ao mesmo tempo.

Surpreende a docilidade do americano mé-dio diante da agressão contra as tradicionais e seculares instituições norte-americanas. Nada ali foi construído ao acaso. Os migrantes, euro-peus e asiáticos, trabalharam muito para cons-truir o país das liberdades individuais e da de-mocracia liberal. Substituíram a figura do rei por um presidente eleito por período definido. Tu-do isso para evitar o totalitarismo que existia na Europa. Os fundadores do país decidiram criar uma sociedade fundamentada nas leis. Mas não há como prevenir a ascensão de um desequili-brado à presidência do país.

Essas novidades levaram o brasileiro a sair de sua zona de conforto. O vice-presidente Geraldo Alckmin, designado como negocia-dor do governo, foi ao México, onde conseguiu compromissos de elevação de compras de vá-rios itens da pauta nacional de exportações. O governo do Japão também se movimentou, a China apareceu e os vizinhos estão começan-do a perceber que o comércio dentro do con-tinente possui enorme espaço para crescer. A ministra do Planejamento, Simone Tebet, elab-orou minucioso projeto de integração com os países na margem do Pacífico. O Brasil, por força das circunstâncias, precisou se levantar de seu berço esplêndido para manter o nível de crescimento econômico.

O grande teste vai ocorrer a partir da próxi-ma semana, quando o grupo de militares de ci-vis que tentaram implantar uma ditadura no Brasil começará a ser julgado pelo Supremo Tri-bunal Federal. Os marines vão invadir o Brasil?

Maurenilson Freire



Insubordinada sou eu!



» CÍNTIA COLARES
Jornalista profissional, poeta,
ativista em letramento racial

Es-ses tempos, recebi um comunicado de ex-clusão de um clube de leitura de mulheres ditas insubordinadas e feministas. Curio-samente, a expulsão ocorreu no trimestre de leituras de autoras negras, leituras essas que deveriam servir para fomentar debates racializa-dos. Mulheres ditas feministas e insubordinadas acionaram uma advogada para cima da integran-te do grupo que participava de uma bolsa inte-gral, concedida por ser uma mulher negra, a úni-ca retinta, alérgica e mãe solo naquele grupo.

Motivo alegado no comunicado: o fato de eu ter publicado um artigo antirracista no site de no-tícias *Brasil de Fato*. A mediadora supôs que eu estaria falando sobre o que acontecia no grupo, o que entrega que ela tinha ciência de que vinham acontecendo práticas racistas no grupo. Mulhe-res ditas feministas e insubordinadas acionaram uma advogada porque, na visão de uma delas, era inaceitável uma mulher negra se insubordinar e escrever um artigo expondo as práticas racistas recorrentes naquele espaço.

A ironia dos fatos é que o artigo listava uma série de situações em que algumas pessoas se dizem aliadas na causa antirracista, mas não agem contra o racismo ou, pior ainda, dizem não entender ou não saber o que fazer, como

se o racismo tivesse nascido ontem na nossa so-ciedade. A ironia maior ainda foi elas acharem que, se falei sobre racismo, somente poderia ser sobre elas. Rés confessas e pretensiosas. Infeliz-mente, elas não são as únicas a praticarem ra-cismo numa sociedade estruturalmente racista.

Essas mulheres majoritariamente brancas não conseguiram lidar com a insubordinação de uma única mulher preta periférica no gru-po, uma única voz em um grupo de mais de 40 mulheres brancas. Então, elas passaram a dizer em coro frases de revirar o estômago de pes-soas negras: “Você está imaginando coisas: Ra-cismo não existe aqui.”; “Você é quem está nos ofendendo e sendo agressiva e ingrata, afinal recebemos você aqui..”; “Minha avó era ne-gra.”; “Tive uma babá negra que considero qua-se da família.”

O comunicado de exclusão foi encaminhado a mim pela mediadora sem qualquer diálogo. Logo após o envio do documento, veio a remo-ção dos grupos de WhatsApp do clube de leitu-ra. Na sequência, veio o bloqueio nas redes para que eu não pudesse argumentar publicamente sobre esse descarte da única mulher negra pe-riférica no grupo.

A medida, explicitamente, visava a um efeito intimidador: denuncie as práticas racistas que vivenciei nesse grupo de mulheres privilegia-das e nos voltamos contra você! A mediadora de um grupo feminista tentou intimidar outra mulher enviando um comunicado jurídico pa-ra exclusão de um grupo de leitura? Sim, foi is-so mesmo que você leu!

Ué, mas e a sororidade? Uma não solta a mão da outra? Enquanto todas não forem livres não

seremos livres? Ah, não, isso é para e entre mu-lheres. Mulheres, nesse contexto, elas conside-raram somente as mulheres brancas, privilegia-das que provocaram ou se omitiram frente a essa violência contra uma mulher negra. Algu-mas ainda saíram em defesa dessa repugnante e escancarada tentativa de silenciamento de uma mulher negra, atitude previsível no bom e velho estilo pacto da branquitude.

Motivos para excluir a mulher negra que fa-lou sobre racismo? Motivos para tentar intimi-dar a mulher negra que fala sobre práticas racis-tas no cotidiano, inclusive, de pessoas que se di-zem aliadas e ostentam orgulhosas em suas bios nas redes sociais a autodenominação de antirra-cistas, mas, se uma mulher negra trouxe episó-dios de racismo para o debate, dizem não saber o que espera que elas digam ou façam? Motivos para gastar com a contratação de uma assessoria jurídica para excluir uma mulher negra de um grupo de WhatsApp?

A mediadora confiou no pacto da branqui-tude para sustentar a exclusão de uma mulher negra por opinar sobre racismo. Porém, a ação dela surtiu, justamente, o efeito contrário, pois aqui estou escrevendo este artigo, além de ou-tros que publiquei denunciando a tentativa de silenciamento. Isso porque o que elas carregam apenas no nome do grupo eu exerço em atitude cotidianamente: insubordinada sou eu!

Quando olho para esse episódio, eu me per-gunto o que Sojourner Truth já percebia e ques-tionava há muito tempo e acrescento: Para a branquitude, incluindo algumas mulheres bran-cas feministas, eu não sou uma mulher? Você, eu, nós sabemos a resposta.

Visto, lido e ouvido



Desde 1960

Circe Cunha (iterina) // circecunha.df@dabr.com.br

A fuga

Na equação matemática que analisa a variação nos núme-ros da riqueza de um indivíduo ou empresa, não há lugar pa-rra variantes que representem perdas ou diminuição de pa-trimônio. Ao primeiro sinal de que essa variação na riqueza tende a decrescer, soam o alarme e as luzes vermelhas, indi-cando que é hora de proteger o capital. Em toda a parte e em todo o tempo da história humana, o senso de proteção dos bens é uma atitude natural. A questão é simples: se você não cuida de proteger o que é seu por direito, não espere que ou-tros venham a fazê-lo em seu lugar.

Na atual situação de penúria econômica em que vive o Brasil, resultado, como sabemos, da ação perdulária da atual gestão do país, não chega a ser estranho que parte da po-pulação mais rica tenha escolhido o caminho do aeroporto para salvarguardar a si e a seus bens. Não tendo a quem mais culpar pelos descaminhos das finanças, o governo, movido por ideais de matizes socialistas, passou a mirar nos mais ricos, acusando-os primeiro de serem insensíveis a eviden-te bancarrota nacional, para depois justificar um conjunto de medidas draconianas, visando dilapidar também todo e qualquer patrimônio privado, na forma de novos e escor-chantes impostos.

Pelo o que foi divulgado, a intenção é impor uma tributa-ção progressiva para aqueles que o governo chama de super-ricos. Ora, ora, se fosse para tributar com essa sede os mui-tos super-ricos que compõem o atual governo, a medida fi-caria de bom tamanho. Mas nesse lado do muro não se me-xe em nada. A questão está do outro lado e recai, principal-mente, sobre os empresários que nada devem ao governo e estão fora do clube dos campeões eleitos. Como aqueles que geram riquezas não padecem do mal da burrice, a solução é colocar o dinheiro nas malas e sair o mais rapidamente do país. Quem entende minimamente da aritmética das finan-ças e percebe a ladeira abaixo em que vai rolando o país, sa-be que nem com todo o dinheiro arrancado dos super-ricos seria possível salvar o país. Também nesse ponto, a questão é simples: não é o dinheiro que falta ao país, mas, sim, a boa gestão dos recursos, uma vez que nos tornaram o país com a maior carga tributária do planeta. É como repetia o filósofo de Mondubim: quem não respeita os centavos não respeita os milhões, pois dinheiro não aceita desaforo e, por ele, não se deve nem brigar nem brincar.

No Febeapá, que assola o Ministério da Economia, nin-guém está livre de ser tungado, até que mostre os bolsos va-zios virados ao avesso. É claro que a culpa pela falência anun-ciada não é dos super-ricos, mas tão só e exclusivamente da atual desastrosa gestão do país. Mas isso não se diz. Êxodo de milionários: para se ter uma ideia do desastre que é mirar nos super-ricos, acusando-os de serem os responsáveis por mais essa crise, temos que, em 2025, o Brasil deve registrar a saída líquida de cerca de 1.200 milionários (pessoas com patrimô-nio superior a US\$ 1 milhão), um recorde para a América La-tina, o que representa uma perda estimada de US\$ 8,4 bilhões em riqueza transferida para o exterior. Isso também marca um aumento expressivo de 50% em relação a 2024, quando apenas cerca de 800 milionários deixaram o país.

Esse movimento para fora coloca o Brasil como o sex-to maior país no êxodo global de milionários em 2025, atrás apenas de Reino Unido, China, Índia, Coreia do Sul e Rússia. Entre os principais destinos desse pessoal, estão EUA (no-tadamente a Flórida), Portugal, Ilhas Cayman, Costa Rica e Panamá — ou seja, onde seu dinheiro é respeitado. Essa mi-gração certamente valida a impressão de que os mais ricos, alertados por instabilidade política, carga tributária elevada, insegurança e gestão econômica problemática, estão real-mente buscando proteção para seus bens (e suas famílias) em outros lugares bem longe do Brasil e do seu governo. Outros dados também influenciam nesse êxodo, como a percepção de que a corrupção continua altíssima: 59,1% dos brasilei-ros relatam ter “pouca ou nenhuma” confiança na imparcia-lidade do Judiciário.

Além disso, 90,1% acham que políticos são raramente ou nunca punidos, número que sinaliza descrédito institucio-nal profundo. Talvez não seja surpresa, neste momento, que a apropriação de gestão econômica também esteja sob fogo: pesquisas entre janeiro e fevereiro de 2025 mostram desapro-vação da gestão presidencial muito superior à aprovação, che-gando a 51% de reprovação e apenas 24% de aprovação. Por outro lado, as preocupações com inflação, carga tributária, economia e Reforma Tributária são predominantes entre os brasileiros, sobretudo a inflação, apontada por 75% como o maior problema econômico do nosso país hoje.

O sistema tributário brasileiro e a burocracia são reconhe-cidos como um dos principais entraves às empresas: o cha-mado “custo Brasil” inclui infraestrutura deficiente, carga tributária alta e complexa, o que tornam a indústria menos competitiva, segundo levantamento recente. A política de ta-xação agressiva contra os mais ricos, em especial propostas como maior tributação sobre patrimônio, herança e dividen-dos, parece uma contradição flagrante: em vez de aumentar a arrecadação, pode acelerar a fuga de pessoas e recursos, di-minuindo a base tributável efetiva e fragilizando ainda mais o país. É o tiro no pé que faltava. Além disso, a saída anual de 1.200 milionários representa não só uma perda imediata de capital, mas também de poder influente, investimentos, em-pregos e inovação, fatores críticos para a recuperação econô-mica. Ignorar falhas de gestão, corrupção e baixa confiança pública, ao atribuir a “falta de respeito por centavos” apenas a um grupo econômico, desvia o foco do núcleo do proble-ma: a derrocada estrutural vem da má administração, e não da concentração de riqueza por si.

A frase que foi pronunciada:

“Sell in may and go away” (Venda em maio e vá embora)

Provérbio do Mercado Financeiro

História de Brasília

O senhor Martins Rodrigues, que reside em Brasília e que daqui a pouco arrasta o pé, bem poderia patrocinar essa causa em benefício do Distrito Federal, com a autoridade de líder da maioria. (Publicado em 8/5/1962)